

GÊNERO DISCURSIVO CRÔNICA: ASPECTOS TEMÁTICO, ESTILÍSTICO E COMPOSICIONAL NAS PRÁTICAS ESCOLARES**GENDER DISCURSIVE CHRONIC: THEMED ASPECTS, STYLISTIC AND COMPOSITIONAL IN SCHOOL PRACTICE**

Silvana Aparecida Costa da Cruz¹
Terezinha da Conceição Costa-Hübes²

RESUMO: Partindo do pressuposto de que a adoção de gêneros discursivos em sala de aula é um dos caminhos mais prováveis de sucesso, quando se almeja o desenvolvimento do processo de leitura, escrita e compreensão da língua, focaremos o tema deste artigo no estudo dos gêneros discursivos, embasando-nos na teoria bakhtiniana. Nesse sentido, o objetivo desse texto é fazer um elo entre os pressupostos teóricos e as atividades cotidianas de língua portuguesa no ensino fundamental com o propósito de melhorar as práticas discursivas de nossos alunos. Para atender ao propósito, recorreremos a Bakhtin (2010[1979]), Rodrigues (2001), Costa-Hübes (2014), entre outros. Metodologicamente fazemos uma análise interpretativa dos aspectos temático, estilístico e composicional do gênero discursivo crônica. Para tanto, selecionamos o texto “Pai não entende nada” de Luis Fernando Veríssimo. Como resultado, pretendemos ampliar as reflexões sobre o tema de forma que a teoria venha auxiliar nas práticas de sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: gêneros do discurso; gênero crônica; práticas do ensino de língua portuguesa.

ABSTRACT: Assuming that the adoption of genres in the classroom is one of the most likely paths of success, when it aims to develop the process of reading, writing and understanding of the language, the topic of this article will focus on the study of genres basing ourselves on bakhtinian theory. In this sense, the objective of this text is to make a link between the theoretical assumptions and everyday activities of Portuguese Language in Elementary Education with the purpose of improving the discursive practices of our students. To meet the proposed we will use Bakhtin (1992 [1979]), Rodrigues (2001), Costa-Hübes (2014), among others. Methodologically we will make an interpretative analysis of the themed aspects, stylistic and compositional of chronic discursive genre. To do so, we selected the text "Pai não entende nada" of Luis Fernando Verissimo. as a result, we intend to expand the reflections on the subject so that the theory will assist in classroom practices.

KEYWORDS: speech genres; gender chronicle; practices of the portuguese language teaching.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras, Nível de Mestrado Profissional em Letras-PROFLETRAS– da Universidade Estadual do Oeste do Paraná / UNIOESTE. Professora do Quadro Próprio do Magistério. Formada em Letras Português/Inglês com Especialização em Linguística Aplicada em Línguas Estrangeiras e Psicopedagogia Institucional. E-mail: silvanaaparecidacosta@gmail.com.

² Profª Drª do Programa de Pós-graduação em Letras – Mestrado Profissional – PROFLETRAS – da Universidade Estadual do Oeste do Paraná / UNIOESTE. E-mail: tehubes@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Foi no início do século XX, com o pensador russo Mikhail Bakhtin, estudioso da linguagem e da literatura, que a palavra gênero foi empregada num sentido mais amplo, referindo-se não apenas às tradições da Retórica e da Poética, mas também, aos textos que empregamos nas situações de comunicação cotidianas. Os estudos bakhtinianos tornaram-se, assim, uma referência para grande parte dos pesquisadores das ciências da linguagem e também para o ensino de línguas.

Para Bakhtin (1992[1979]), todo texto que produzimos, seja oral ou escrito, configura-se como um enunciado porque atende a uma necessidade concreta de dizer, de escrever, logo corresponde ao propósito da interação. Esses textos/enunciados, por sua vez se moldam em gêneros discursivos.

Segundo o autor, a variedade dos gêneros do discurso é inesgotável à medida que também são inesgotáveis as atividades humanas. Para ele, o discurso vai se diferenciando e conforme a esfera da qual determinado gênero faz parte, vai se tornando mais complexa.

Ainda conforme os princípios de Bakhtin (1992[1979]), os gêneros são constituídos por três elementos: o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo. Ao primeiro elemento cabe aquilo que pode ser dito por meio de um gênero; ao segundo, corresponde à estrutura, ao formato particular do texto/enunciado; e, ao terceiro elemento, as configurações específicas das unidades de linguagem derivadas da posição enunciativa do locutor.

Se considerados todos esses princípios no plano de estudo da linguagem, o ensino de diversos gêneros discursivos que circulam nas esferas sociais pode ampliar a competência linguística discursiva do educando, além de apontar-lhe inúmeras formas de participação social por meio do uso da linguagem.

Assim sendo, com o objetivo de fazermos um elo entre tais pressupostos teóricos e as práticas cotidianas de ensino da Língua Portuguesa na sala de aula, este artigo terá como base de estudo o gênero discursivo crônica, na perspectiva de melhor compreender sua forma organizacional, considerando, para isso, seu conteúdo temático, estilo e construção composicional, conforme proposto por Bakhtin (1992[1979]). E, ao apresentar uma proposta que explore tais elementos, esperamos ampliar as capacidades linguístico-discursivas dos alunos.

Para atender ao disposto, organizamos o texto em três partes: primeiramente apresentamos algumas considerações sobre os gêneros do discurso e seus elementos constituintes; em seguida, abordamos informações básicas sobre o gênero crônica, recorrendo, para isso, a pesquisas já realizadas; e, por fim, propomos um possível encaminhamento didático-pedagógico do gênero em questão, considerando seus elementos constituintes.

Esta proposta, portanto, procura contribuir com os estudos da Linguística Aplicada, a qual, para Celani (2000), preocupa-se com a “[...] aquisição de linguagem, de metodologia de ensino de línguas e as práticas pedagógicas,” [...]. (CELANI, 2000, p. 04); e que tem como objeto de investigação, “a linguagem como prática social [...]” (MENEZES; SILVA; GOMES, 2009, p 25).

2 A DIMENSÃO SOCIAL E VERBAL DOS GÊNEROS

Quando pensamos na constituição de um enunciado devemos ter claro que sua organização não ocorre isoladamente, uma vez que cada enunciado tem relação com outros enunciados, com outros leitores situados em tempos e espaços diversos, isto é, são dialógicos. Portanto, não podemos separar um enunciado de seu contexto de produção. Segundo Rodrigues, “não se pode compreender o enunciado sem correlacioná-lo com a sua situação social, pois o discurso, como fenômeno de comunicação social, é determinado pelas relações sociais que o suscitaram” (RODRIGUES, 2001, p. 20). Assim sendo, o enunciado sempre será dialógico e social, situando-se em um determinado gênero, que se encarrega de materializá-lo. E, essa materialidade se revelará no enunciado por meio de seu conteúdo temático, estilo e construção composicional. Sendo assim, podemos dizer que os gêneros organizam dentro de suas dimensões: a social e a verbal. Sobre elas falaremos nas duas subseções a seguir.

2.1 DIMENSÃO SOCIAL DO GÊNERO

Volochinov e Bakhtin (1926), ao referirem-se à constituição dos discursos, defendem que só a análise do aspecto verbal de um enunciado é insuficiente, pois ele depende de seu contexto extraverbal para significar. Nesse sentido, os autores explicam que o discurso “[...] nasce de uma situação pragmática extraverbal e mantém a conexão mais próxima possível com esta situação” (VOLOCHINOV e BAKHTIN, 1926, p. 6).

A situação pragmática extraverbal do enunciado apontada pelos autores é denominada por Rodrigues (2001) como *dimensão social* do gênero que, segundo a autora, ultrapassa os elementos linguísticos e incorpora os elementos extralinguísticos que envolvem toda a situação de produção do enunciado e, por isso, exercem determinações sobre o gênero. A dimensão extraverbal é tão importante para o enunciado quanto seus elementos expressos, materializados, que podemos perceber visualmente. Nesse sentido, Rodrigues (2001) defende:

Para além de uma parte verbal expressa (exprimida, materializada), fazem parte do enunciado, como elementos necessários a sua constituição e a sua

compreensão total, isto é, à compreensão do seu sentido, outros aspectos constitutivos do enunciado, que se pode denominar como a sua dimensão extraverbal, ou a sua dimensão social constitutiva (RODRIGUES, 2001, p. 22, grifo da autora).

Trata-se, assim, de um horizonte presumido que engendra o enunciado com a vida. Logo, segundo Volochinov e Bakhtin (1926), o contexto extraverbal compreende três fatores: 1) *o horizonte espacial comum dos interlocutores*; 2) *o conhecimento e a compreensão comum da situação por parte dos interlocutores*; e 3) *sua avaliação comum dessa situação*.

Rodrigues (2001), a partir desses fatores, estabeleceu as seguintes categorias para a análise/compreensão de um enunciado:

- a) **horizonte espacial e temporal**: corresponde ao onde e quando do enunciado;
- b) **horizonte temático**: corresponde ao objeto, ao conteúdo temático do enunciado (aquilo de que se fala);
- c) **horizonte axiológico**: é a atitude valorativa dos participantes do acontecimento (próximos, distantes) a respeito do que ocorre (em relação ao objeto do enunciado, em relação aos outros enunciados, em relação aos interlocutores) (RODRIGUES, 2001, p.24, grifos nossos).

Atentando para as palavras da autora e recorrendo ao que foi expresso por Volochinov e Bakhtin (1926), interpretamos que, para a compreensão de um enunciado, é importante que os interlocutores envolvidos (autor e leitor/ouvinte) tenham conhecimento do lugar do qual ou sobre o qual estão falando; e, da mesma forma, compartilhem o tempo do qual/sobre o qual se fala, ou seja, que *o horizonte espacial e temporal* seja comum aos interlocutores. Em relação àquilo que Rodrigues (2001) denominou de *horizonte temático*, entendemos que os envolvidos na interação devem partilhar, ter conhecimento, compreender a situação de que se fala. Trata-se de um “conjuntamente sabido”, conforme denominaram Volochinov e Bakhtin (1976[1926]). E, finalmente, o *horizonte axiológico*, conforme denominou Rodrigues (2001), corresponde ao que os autores definiram como *uma avaliação comum dessa situação*, ou, em outras palavras, “unanimemente avaliado” pelos interlocutores.

2.2 A DIMENSÃO VERBAL NA TRÍADE DA CONSTITUIÇÃO DE UM GÊNERO DISCURSIVO

Atrelado à dimensão social do gênero, está a dimensão verbal, constituída pelo conteúdo temático, estilo e construção composicional dos enunciados. Isso significa dizer que, além do pressuposto dialógico da linguagem, do reconhecimento de sua dimensão social, da compreensão de gênero como instrumento de interação social, Bakhtin (1992[1979]) propõe a noção de gênero

integrada por três elementos: o tema (elemento temático); a composição (elemento estrutural) e o estilo (opção de expressividade). Para o autor:

Quando construímos nosso discurso, sempre trazemos de antemão o todo da nossa enunciação, na forma tanto de um determinado esquema de gênero quanto de projeto individual de discurso. Não enfiamos as palavras, não vamos de uma palavra à outra, mas é como se completássemos com as devidas palavras a totalidade (BAKHTIN, 1992[1979], p. 292).

Portanto, a escolha de um determinado gênero por um falante é fruto de uma necessidade de dizer, de um projeto discursivo que demanda de um diálogo entre enunciados precedentes e subsequentes na interação, enfim, de combinações de estruturas já existentes na língua. Assim, a produção da linguagem é uma ação resultante de um conjunto de escolhas, que determinarão o que dizer, como dizer e para quem dizer naquela situação específica.

Nestas escolhas e decisões, pertinentes à elaboração de determinado gênero, é que se insere a tríade da constituição de um gênero discursivo, na visão bakhtiniana. Logo, um gênero como a crônica possui tema, composição e estilo que são considerados no projeto discursivo, uma vez que incidem diretamente em sua constituição, em seu formato relativamente estável e nas escolhas linguísticas. Para melhor compreendermos a importância desses elementos na constituição do texto/enunciado de determinado gênero, recortamos a seção seguinte.

2.2.1 CONTEÚDO TEMÁTICO, ESTILO, CONSTRUÇÃO COMPOSICIONAL

Quando pensamos no conteúdo temático de um texto/enunciado, reportamo-nos para sua relação discursiva com a realidade, ou seja, todo enunciado possui um tema, uma finalidade, um sentido, portanto, o conteúdo temático corresponde ao objeto do discurso e abrange as diferentes atribuições de sentido. Por estar diretamente ligado ao enunciado, “o tema da enunciação é na verdade, assim como a própria enunciação, individual e não reiterável” (BAKHTIN e VOLOCHINOV, 2004[1929], p. 124), uma vez que representa uma situação histórica concreta que deu origem à enunciação.

Assim, para falarmos em tema ou conteúdo temático, precisamos entender sua relação com as condições externas de uso do gênero. Para Costa-Hübner:

[...] é importante compreendermos que o tema (ou conteúdo temático) atua nos gêneros para situá-los nas situações interativas, representando as diferentes formas de conceber a realidade. Desse modo, o conteúdo temático diz respeito à maneira como o gênero seleciona elementos da realidade e como os trata na constituição de seu conteúdo temático (COSTA-HÜBNER, 2014, p.11).

Tema, portanto, refere-se não apenas ao conteúdo do texto/enunciado, mas ao conjunto de elementos externos e internos (linguísticos) de que o interlocutor se apropria para construir significação em seu ato interlocutivo. Por isso, “não há como estudar o tema de um enunciado, presentificado em determinado gênero discursivo, se não considerarmos o contexto que o organiza” (COSTA-HÜBES, 2014, p.11).

Isso significa dizer que o conteúdo temático de um enunciado se constituirá de acordo com a situação social onde está inserido, já que o tema se apresenta como expressão de uma situação histórica/social concreta que deu origem a determinado discurso. Por isso, a temática de um enunciado estará sempre atrelada à situação concreta em que ela se realiza e, dependendo da situação, sua significação será diferente. Logo, embora o conteúdo temático seja um dos elementos constitutivos da dimensão verbal do gênero, está diretamente relacionado com sua dimensão social também.

Assim sendo, para analisarmos o tema de um enunciado é necessário olharmos tanto para as formas linguísticas, quanto para os elementos extraverbais, pois segundo Bakhtin, “[...] Somente a enunciação tomada em toda a sua amplitude concreta, como fenômeno histórico, possui um tema” (BAKHTIN e VOLOSHINOV, 2006[1929], p. 132). E se somente em sua amplitude concreta e histórica o enunciado possui tema, não podemos conceber o conteúdo temático de um gênero sem olharmos para as relações dialógicas que se estabelecem entre enunciados, entre autor/leitor ou locutor/interlocutor em um determinado momento sócio histórico. Portanto, o tema se constitui como um dos elementos determinantes de um enunciado.

Ao lado do tema configura-se o estilo. Para Bakhtin:

[...] o estilo linguístico ou funcional nada mais é senão o estilo de um gênero peculiar a uma dada esfera da atividade e da comunicação humana. Cada esfera conhece seu gênero, apropriados à sua especificidade, aos quais correspondem determinados estilos. Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico [...] O estilo entra como elemento na unidade de gênero de um enunciado. (BAKHTIN, 1992[1979], p. 284)

A partir das palavras do autor, inferimos que cada esfera social apresenta diferentes gêneros, cada qual com sua especificidade e estilo.

Contudo, não podemos deixar de dizer que o estilo está ligado diretamente ao gênero tanto quanto ao processo de autoria. Em relação ao gênero, o autor explica que “no fundo, os

estilos de linguagem ou funcionais não são outra coisa senão estilos de gênero de determinadas esferas da atividade humana e da comunicação” (BAKHTIN, 1992[1979], p. 264). Logo, em cada esfera são produzidos enunciados de determinados gêneros que apresentam um determinado estilo. Por outro lado, porém, todo enunciado “é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve), isto é, pode ter estilo individual” (BAKHTIN, 1992[1979], p. 263), o que corresponde ao estilo próprio do autor.

Entretanto, é importante salientar que alguns gêneros permitem menor “violação” estilística do que outros; isso vai depender da esfera em que o gênero é produzido. Em alguns casos, as convenções do gênero não permitem que este fuja muito da padronização que lhe é imposta; é o caso dos gêneros da esfera jurídica, por exemplo. Mesmo nestes casos, porém, é possível considerar certa individualidade do sujeito/autor na elaboração e organização de seu enunciado.

Nesse sentido, é possível dizer que os mais diferentes assuntos podem ser tratados em qualquer gênero, entretanto a forma de abordar tal assunto será diferente em cada enunciado, já que cada enunciado tem um estilo, ou seja, tem sua singularidade. Portanto, ao analisarmos o estilo de um gênero, devemos ir muito além da estrutura linguística de um enunciado; devemos buscar as relações dialógicas estabelecidas com outros enunciados e suas dimensões no plano da expressão.

Por fim, talvez o mais previsível dentre os constitutivos da tríade do gênero discursivo e, nem por isso, menos importante, temos a construção composicional. Trata-se, de acordo com Bakhtin, da “forma padrão relativamente estável de estruturação de um todo” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 301), que dá formato, materialidade ao gênero, organizando sua estrutura e estabelecendo sua relação com a dimensão social. Quando falamos em previsibilidade de características, nos atentamos para o fato de que existem determinados tradicionalismos sociais que garantem estruturas textuais relativamente estáveis. Contudo, para Costa-Hübes,

Embora esteja [a construção composicional] de alguma forma, relacionada à estrutura formal do gênero, não podemos aprisioná-la em formas estruturais rígidas, haja vista que todo gênero se organiza dentro de uma dimensão fluida e dinâmica, tendo em vista o próprio estilo que o autor pode lhe conferir, dentro dos limites instáveis do contexto. (COSTA-HÜBES, 2014, p.12)

Assim, podemos dizer que a construção composicional de um gênero pode ter como valência a transgressão ou a subversão da estrutura, já que todo gênero se organiza e/ou se cria numa dimensão dinâmica das relações humanas, e o emprego de formas mais imprevisíveis de um gênero pode ter propósitos outros, isto é, um gênero pode se intercalar, se reorganizar ou se

hibridizar tendo em vista o contexto de interação. Como diz Costa-Hübés, “No âmbito da esfera social e nele imersos, os gêneros comportam intercâmbios comunicativos que os complexificam e os diversificam conforme a esfera da qual se originam” (COSTA-HÜBES, 2014, p. 22).

Essa heterogeneidade, maleabilidade e variedade dos gêneros não podem ser desconsideradas quando se busca compreendê-los. E, assim sendo, quando fazemos uma análise da construção composicional de um gênero devemos levar em consideração não apenas seus aspectos formais, mas também os extraverbais, ou seja, a situação social de interação deste enunciado.

Todas estas reflexões amparadas na teoria bakhtiniana nos permitiu compreender que não podemos estudar a língua a partir dos gêneros discursivos sem nos atentarmos para a relação entre os elementos (tema, composição e estilo) que os constituem e garantem sua unidade.

Tomando como base esta compreensão, abordamos, na sequência, algumas considerações sobre o gênero selecionado (crônica), para posteriormente elencarmos alguns possíveis encaminhamentos didático-pedagógicos referentes ao gênero em questão.

3 O GÊNERO DISCURSIVO CRÔNICA COMO PRÁTICA SOCIAL DE USO DA LINGUAGEM

Para que possamos apresentar uma proposta de trabalho voltada para as aulas de Língua Portuguesa com o gênero crônica, primeiramente convém sistematizar algumas informações específicas sobre o gênero. E, para isso, recorreremos às pesquisas e estudos já realizados, definindo, assim, sua dimensão social.

Quanto ao seu *horizonte espacial e temporal*, conforme categorização de Rodrigues (2001) a partir de Volochinov e Bakhtin (1926), estudos revelam que crônica surgiu a partir do desenvolvimento da imprensa no Brasil, em meados do século XIX e talvez por isso esteja entre as esferas jornalística e literária. Madeira (2005) explica que o gênero crônica, hoje, é reconhecido como um gênero literário, todavia, estreitamente ligado ao jornalismo, uma vez que configurou-se a partir do desenvolvimento da imprensa no Brasil. Da mesma forma, Schneider (2008) relata que a crônica – cuja palavra originária do grego *chronikós* faz referência ao tempo *chrónos* – desenvolveu-se a partir da criação do folhetim, um lugar onde inicialmente se publicavam os romances, derivando, daí, suas múltiplas possibilidades de manifestações. Segundo o autor,

De uma feição ligada especificamente ao gênero histórico – onde os cronistas, principalmente medievais, relatavam os grandes feitos dos heróis ou dos príncipes – à relação com a literatura e o jornalismo ao longo do século XIX, a

crônica fixa-se no Brasil e aqui assume uma conotação de gênero caracteristicamente brasileiro (SCHNEIDER, 2008, p. 3).

Dessa origem jornalística, a crônica preserva o caráter transitório desse suporte. Esse caráter, segundo Melo (2002), é manifestado porque a crônica situa-se na fronteira da informação jornalística e da narração literária, o que a confirma como um “relato poético do real” (MELO, 2002, p.147).

A este respeito, Ritter (2009), ao voltar-se para o *horizonte temático* (RODRIGUES, 2001) da crônica, diz que “[...] a crônica cumpre com essa função jornalística de entretenimento, e é por isso que também apresenta uma natureza literária, pois o cronista recria o fato cotidiano por meio da leveza, da beleza, da poesia, da crítica, do humor.” (RITTER, 2009, p. 10,11). Segundo a autora, por sua finalidade discursiva, o gênero crônica provoca uma reflexão em relação a um fato do cotidiano, porém, marcado pelo seu tom humorístico, irônico e aparentemente desprezioso, demarcando, assim, seu *horizonte axiológico* (RODRIGUES, 2001), conforme explica Ritter:

Na crônica, o tom humorístico, irônico e desprezioso do autor funciona como o lugar do estabelecimento e da ancoragem da entonação do gênero (um tom autorizado) e da sua atitude valorativa. Como sabemos, atrás da ironia existe um jogo político e ideológico onde se permite que as críticas sociais, as depreciações, as difamações sejam feitas sem causar muita tensão entre os interlocutores. Assim, podemos considerar que a finalidade discursiva se orienta para a reflexão do interlocutor, via provocação do riso. (RITTER, 2009, p. 14)

E é justamente por sua natureza reflexiva, por organizar-se em textos/enunciados curtos, breves, e por lidar com fatos do cotidiano, aproximando-se desse discurso, que a crônica passou a fazer parte dos conteúdos curriculares, e, conseqüentemente, este gênero costuma ser muito trabalhado em sala de aula. É comum encontrarmos crônicas nos livros didáticos e nos materiais organizados pelo professor de Língua Portuguesa.

A leitura e a produção de um texto/enunciado dentro do gênero crônica, embora pareça uma tarefa fácil, requer do aluno maturidade e perspicácia para compreender, e/ou reproduzir seu caráter subjetivo, opinativo e pessoal. Isso significa que não basta apenas limitá-lo ao simples relato de um acontecimento.

Assim como outros gêneros, a crônica é constructo histórico e social de uso da linguagem e, portanto, as escolhas sobre seu conteúdo temático, estilo e construção composicional são guiadas pela dinâmica social. Pedagogicamente, portanto, considerar todos estes elementos pode ser uma forma de levar o aluno a “... aprender a fazer escolhas responsáveis e deliberadas entre

possibilidades existentes de combinação entre forma, conteúdos e valores neles expressos.” (ALVES FILHO, 2011, p. 31).

Nesta perspectiva, refletiremos sobre tal gênero como possibilidade de estudo da linguagem nas aulas de Língua Portuguesa.

4 O ESTUDO DA LINGUAGEM POR MEIO DO GÊNERO CRÔNICA NO CONTEXTO DE APRENDIZAGEM ESCOLAR

Todos os gêneros certamente atendem a um fim específico e, por conseguinte, devemos reconhecê-los como uma prática social da linguagem. Além disso, interagindo através dos gêneros, além das formas e dos conteúdos, devemos incluir valores, situações, ideologias e papéis sociais representados pelos sujeitos e pelo contexto de produção. Segundo Costa-Hübes (2014):

[...] o princípio norteador de todo estudo não é o gênero em si, mas sim uma prática social de uso da linguagem que requer a leitura, o reconhecimento, enfim, o estudo de um gênero que atenda a uma necessidade específica. Uma vez definido o gênero, é momento, então, de adentrar em sua discursividade, reconhecendo o contexto social, histórico e ideológico que o circunda, conferindo sua esfera de produção, seu conteúdo temático, seu estilo e sua construção composicional. (COSTA-HÜBES, 2014, p.14)

Portanto, tomando tais premissas como verdadeiras, entendemos que os gêneros devem ser trabalhados no intuito de ampliar a compreensão da linguagem para além da visão formalista e prescritiva da língua que, sozinha, tem se mostrado improdutiva para o seu ensino e aprendizagem como prática de uso social.

Nessa perspectiva, ao selecionar para estudo o gênero crônica, prioriza-se como foco sua dimensão social (o reconhecimento do horizonte espacial e temporal de produção, seu horizonte temático e axiológico, considerando o meio de circulação e os interlocutores envolvidos), e a dimensão verbal (o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo), que são os princípios norteadores de estudo da discursividade do gênero que pretendemos analisar.

No estudo do gênero crônica é importante reconhecermos que o locutor/cronista veicula seus textos/enunciados em determinados suportes (livros, jornal, revista, blog etc.) num tom de conversa, de diálogo com o interlocutor a fim de organizar seu discurso, seja de forma irônica, humorística ou sarcástica, a partir de fatos corriqueiros que envolvem temas temporais ou atemporais significativos.

A visão de interlocutor é a de um público leitor de jornais, revistas e de livros, seja ele atento ou leitor casual, o qual é atraído pela sensibilização que este gênero é capaz de promover, por sua temática muitas vezes plurissignificativa, por sua linguagem entre o formal e o informal e por sua estrutura pouco complexa que permite a apreensão imediata do conteúdo do texto. Sendo, portanto, produto do diálogo entre o cronista e o leitor, a crônica apresenta um estilo simples, divertido, breve, numa mistura de discurso jornalístico e literário. Considerando essa premissa, selecionamos, para este estudo em específico, um texto/enunciado do gênero crônica, na tentativa de exemplificar algumas possibilidades de leitura, ao explorar suas dimensões social e verbal.

Quadro 01 – Texto do gênero crônica

Pai não entende nada	
_	Um biquíni novo?
_	É, pai.
_	Você comprou um no ano passado!
_	Não serve mais, pai. Eu cresci.
_	Como não serve? No ano passado você tinha 14 anos, este ano tem 15. Não cresceu tanto assim.
_	Não serve, pai.
_	Está bem, está bem. Toma o dinheiro. Compra um biquíni maior.
_	Maior não, pai. Menor.
	Aquele pai, também, não entendia nada.
	<i>(Luis Fernando Veríssimo)</i>

Fonte: <http://keylapinheiro.blogspot.com.br/2011/04/cronicas-de-humor-10.html>. Acesso em: 27/11/2014

Se entendermos o gênero como uma representação de valores pessoais e sociais, é importante considerarmos quem produziu e em que contexto se deu a produção e a publicação do texto/enunciado apresentado. Assim, buscamos informações que nos alargaram a compreensão da temática do texto, ao vasculharmos seus *horizontes espacial e temporal, temático e axiológico* (RODRIGUES, 2001).

Quanto a seu *horizonte espacial e temporal*, a crônica “Pai não entende nada”, escrita por Luis Fernando Veríssimo, encontra-se no livro de mesmo título “Pai não entende nada” do próprio autor, que foi publicado no ano de 1991 e que contem uma coletânea de pequenas e divertidas crônicas. Este texto também pode ser encontrado em *blogs* que apresentam crônicas de humor e em diferentes sites educativos.

A respeito do autor Luís Fernando Veríssimo, alguns estudiosos afirmam que o humor próprio de sua obra é sutil, com marcas de ironia, e seus textos provocam o riso para depois levar o leitor à reflexão. Sendo um dos mais populares escritores brasileiros contemporâneos, Veríssimo

– que é um escritor, humorista, cartunista, tradutor, roteirista de televisão, autor de teatro, romancista, publicitário e revisor de jornal – consegue deixar em suas obras algo implícito, lacunas a serem preenchidas pelo leitor a fim de que esse compreenda, construa sentido(s) a partir das pistas deixadas no texto, o que se dá através de situações inusitadas, surpreendentes, que quebram a expectativa do interlocutor, redirecionando o que seria previsível.

Ao voltarmos para o *horizonte temático* deste texto/enunciado, percebemos que um dos traços perceptíveis na crônica “Pai não entende nada”, é do tema abordado, qual seja, o choque de gerações, isto é, o fato de muitas vezes pais e filhos não se entenderem justamente pela diferença de sentido e/ou valores das coisas em contextos temporais diferentes. Além disso, se atentarmos para seu *horizonte axiológico*, aparentemente o autor denuncia por meio do humor, os valores assumidos por alguns adolescentes que desejam exibir o corpo e/ou seguir o modismo imposto pelo meio social, de certa forma para se auto afirmarem entre os amigos, o que geralmente causa estranhamento para os pais, uma vez que seus valores axiológicos são outros.

Para revelar sua dimensão social, o texto/enunciado é sustentado em um estilo próprio do autor e do gênero. Temos, portanto, um texto construído com alternância dos turnos de fala, frases curtas, emprego repetitivo do vocativo “pai”, emprego de pontuação para reproduzir questionamentos, repetição de palavras com o intuito de convencimento; tudo reforçando uma situação corriqueira: o diálogo entre um pai e sua filha. Concluimos, por conseguinte, a eficácia do cronista ao transitar entre o estilo do gênero e o enquadramento de seu próprio estilo, tudo costurado ao acabamento orquestrado do enunciado, numa construção composicional própria – a do relato – comum ao gênero crônica.

4.1 SUGESTÕES METODOLÓGICAS PARA O ESTUDO DO GÊNERO CRÔNICA

Sabemos da necessária relação estabelecida, no gênero crônica, entre sua dimensão social e seus elementos constituintes: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Sugerimos, assim, algumas práticas metodológicas que possam garantir o estudo desta tríade, atrelada a seu contexto de produção, nas aulas de Língua Portuguesa.

A proposta inicialmente sugere que o professor parta sempre da leitura e produção do gênero numa concepção da linguagem como prática social de uso. Assim, a priori, é importante o reconhecimento do gênero a ser trabalhado, de sua dimensão social, e este reconhecimento pode ser estimulado através de questionamentos orais (ou escritos), tais como: *em que situações de uso da linguagem produzimos crônicas? O que é, afinal, uma crônica? Em que contextos as encontramos? Já leram alguma crônica? Onde? Quem lhes proporcionou a leitura? Quem já ouviu crônicas em programas de rádio ou televisão?*

Que assuntos geralmente são tratados nas crônicas que você leu ou ouviu? Quem produz textos deste gênero? Quais os locais de circulação deste gênero? A qual público se destinam as crônicas? Gostariam de ler algumas crônicas?

Esses questionamentos permitirão adentrar no horizonte social do gênero e reconhecer, assim, sua função social enquanto prática real de uso da linguagem.

Após esta discussão, com o intuito de explorar o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional do gênero, ou seja, sua dimensão verbal, é interessante possibilitar aos alunos o acesso à leitura de variadas crônicas em diferentes veículos de circulação do gênero (jornal, revistas, *blogs*, sites, livros); e o compartilhamento oral entre os colegas de turma.

Na sequência, como forma de adentrar nos elementos constituintes do gênero, a sugestão é que sejam selecionadas, pelo professor, algumas crônicas de autores diferentes e elaboradas atividades orais e escritas que possibilitem esta análise.

A título de ilustração, apresentamos, no quadro seguinte, alguns questionamentos que podem servir de suporte para tal estudo, neste caso, direcionado ao texto/enunciado “Pai não entende nada”, de Luis Fernando Veríssimo:

Quadro 02 – Atividades para explorar texto do gênero crônica

Para explorar o contexto de produção:

- Onde e quando foi publicado o texto que você leu?
- O texto lido trata-se de uma crônica. Sendo assim, a qual esfera social de produção ele pertence?
- Qual o momento de produção e de publicação deste texto?
- Quem é o autor do texto que você leu e qual seu papel social? Você conhece outros textos desse autor?
- Quem são os possíveis leitores deste texto?
- Onde ocorreu a circulação deste texto? Você conhece o site/jornal/blog/revista no qual o texto circulou?

Para explorar o conteúdo temático:

- A crônica é um gênero que tem como matéria prima uma cena do cotidiano. Em sua opinião, esse texto retrata que cena do dia-a-dia? Explique.
- Cenas que ocorrem no dia-a-dia nos ajudam a entender o mundo em que vivemos? Por quê?
- Qual é o tema desta crônica? Com que finalidade o autor aborda este assunto?
- O que o título da crônica sugere?
- O leitor vai construindo o sentido do texto baseado num argumento da filha, que o pai não consegue rebater. Que palavra vem quebrar a expectativa do leitor? O que isso provoca no texto?

Para explorar a construção composicional:

- Existem vários tipos de crônicas (descritiva, narrativa, dissertativa, humorística, lírica, poética, jornalística e histórica). Como você classificaria a crônica “Pai não entende nada”?

() descritiva/histórica () dissertativa/jornalística

() narrativa/humorística () lírica/poética

Para explorar o estilo

- Para garantir a característica da crônica, assinalada na questão anterior, como o autor opta por organizar este texto?
- De que forma o discurso direto é marcado no texto? E por que ele é importante neste crônica, em específico?
- Na frase “**Maior** não, *pai*, **menor**”, o autor escolheu duas palavras antônimas. Seria correto afirmar que o autor fez uso destas palavras de maneira intencional? Que efeito de sentido estas palavras causa no texto? Explique.
- Que características da oralidade são transmitidas à escrita nessa crônica? E essas características são próprias para esse contexto? Por quê?

Fonte: Elaboradas pelas autoras

Esta é uma sugestão de atividade que pode direcionar as reflexões acerca do gênero e do texto/enunciado selecionado, podendo ser ampliadas, reformuladas e/ou adaptadas à realidade de cada texto e de cada turma. O importante é que tal trabalho possibilite a compreensão, o aprofundamento, a interação e o diálogo entre locutor e interlocutor e que torne possível o desenvolvimento do processo de leitura, escrita e compreensão da língua.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos projetar, neste artigo, algumas possibilidades de estudo do gênero discursivo crônica, a partir da exploração de sua dimensão social e verbal, incluindo, neste caso, o estudo de seus elementos constituintes (conteúdo temático, estilo e construção composicional) dentro da perspectiva bakhtiniana, numa proposta de ampliação do reconhecimento, da leitura, da compreensão e da produção do gênero pelos alunos.

O gênero crônica nos permite, dentro de um encaminhamento didático, desenvolver as habilidade de escrita, leitura e análise crítica de fatos da realidade. Permite desenvolver no leitor/interlocutor a capacidade de evidenciar posicionamentos, intensões e os diferentes efeitos de sentido produzidos por meio do uso da linguagem.

A expectativa final, neste sentido, é o de aproximar teoria e prática, numa tentativa de auxiliar na melhoria das praxes de sala de aula e conseqüentemente da aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ALVES FILHO, Francisco. *Gêneros jornalísticos: notícias e carta do leitor no ensino fundamental*. São Paulo: Cortez, 2011.

BAKHTIN, Mikhail.[1979] *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOSHINOV, Valentin N. [1929]. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Traduzido por Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

CELANI, Maria Antonieta Alba. A relevância da linguística aplicada na formulação de uma política educacional brasileira. In: FORTKAMP, Mailce Borges Mota; TOMITCH, Leda Maria Braga (Orgs.). *Aspectos da linguística aplicada: estudos em homenagem ao professor Hilário Inácio Bohn*. Florianópolis: Editora Insular, 2000.

COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. Os gêneros discursivos como instrumentos para o ensino de Língua Portuguesa: perscrutando o método sociológico bakhtiniano como ancoragem para um encaminhamento didático-pedagógico. In: NASCIMENTO, Elvira Lopes do; ROJO, Roxane. *Gêneros de texto/ discurso e os desafios da contemporaneidade*. São Paulo: Pontes, 2014. p.13-34.

MADEIRA, Ana Maria Gini. *Da produção à recepção: uma análise discursiva das crônicas de Luís Fernando Veríssimo*. 2005. 106 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

MELO, José Marques A. Crônica. In.: CASTRO, G. de; GALENO, A. (Orgs.). *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002. p.139-154.

MENEZES, Vera Lúcia de Oliveira e Paiva; SILVA, Marina Morena dos Santos e; GOMES, Iran Felipe Alvarenga e. *Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos*. São Paulo: Contexto, 2009.

RITTER, Lilian Cristina Buzato. Gênero discursivo crônica: um estudo do contexto de produção. *V Siget, Caxias do Sul*, p.1-17, 2009. Disponível em: http://www.ucs.br/ucs/tplSiget/extensao/agenda/eventos/vsiget/portugues/anais/textos_auto_r/arquivos/genero_discursivo_cronica_um_estudo_do_contexto_de_producao.pdf. Acesso em: 30 de agosto de 2016.

RODRIGUES. Rosangela Hammes. *A Constituição e Funcionamento do Gênero Jornalístico Artigo: Cronotopo e Dialogismo*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem – LAEL – PUCSP). São Paulo: PUCSP, 2001.

SCHNEIDER, Claercio Ivan. *Crônica jornalística: um espelho para a história do cotidiano?* Disponível em: http://www.fag.edu.br/adverbio/artigos/cronica_jornalistica.pdf. Acesso em: 15 maio de 2008.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. *Comédias da vida privada: 101 crônicas escolhidas*. Porto Alegre: L&PM, 1995.

VOLOSCHINOV, Valentin N.; BAKHTIN, M. M. *Discurso na Vida e Discurso na Arte* (sobre a poética sociológica). Trad. De Carlos Alberto Faraco & Cristóvão Tezza [para fins didáticos]. Versão da língua inglesa de I. R. Titunik a partir do original russo, 1926.

Data de Recebimento: 19/07/2016 | Data de Aprovação: 24/08/2016